



SNBU 2025

XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 1 – Biblioteca & Sociedade

Contracolonialismo na classificação: uma ação necessária de bibliotecários

Countercolonialism classification: a necessary action by librarians

Fernanda Ferreira da Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – fer.ferreirassilva@gmail.com

Tatiane Helena borges de Salles – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – tatiane.salles@ifsp.edu.br

Resumo: O trabalho consiste em evidenciar a importância de uma classificação contracolonial que perpassa as subjetividades dos corpos dissidentes produtores de conhecimento. O estudo é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, e tem como objeto de estudo o catálogo OPAC das bibliotecas do IFSP. Observou-se que a classificação atribuída as(os) escritoras(es) negras(os) e africanos diferem de autores estrangeiros e de outras nacionalidades, adotando-se outra perspectiva que mantém o eurocentrismo neste processo de classificação da obra. Conclui-se a necessidade de contracolonizar as classificações atribuídas aos autores com intuito de reconhecer e valorizar a intelectualidade negra nos acervos das bibliotecas.

Palavras-chave: Escritores negros. Acervo afrocentrado. Contracolonizar. Classificação. Catalogação.

Abstract: The work consists of highlighting the importance of a countercolonial classification that permeates the subjectivities of dissident bodies that produce knowledge. This is a qualitative, descriptive, and exploratory study, and its object of analysis is the OPAC catalog of the libraries at the IFSP. It was observed that the classification attributed to Black and African writers differs from that applied to foreign authors of other nationalities, adopting a perspective that sustains Eurocentrism in the cataloging process. The study concludes that it is necessary to countercolonize the classifications attributed to these authors in order to recognize and value Black intellectuality within library collections.





Keywords: Black writers. Afrocentric collection. Countercolonize. Classification. Cataloging.

1 INTRODUÇÃO

O fazer bibliotecário é permeado por dimensões técnicas, éticas, políticas e epistemológicas. Embora sua prática seja comumente identificada como neutra, o processo de representação envolve escolhas conscientes do profissional, o que reforça que a atividade não é neutra. Essas escolhas impactam diretamente como a informação é organizada, acessada e representada nos catálogos das bibliotecas. Nesse sentido, a representação da informação vai além de um procedimento normativo ou descritivo, ela é um processo de atribuição de sentido à informação contida no material catalogado. Segundo Reis e Ortega (2024, p. 4), a “catalogação é tanto processo de produção de mensagens representativas de documentos quanto uma subárea que elabora elementos intelectuais para fomentar a interação entre atores e documentos”.

Essa atribuição de sentido é atravessada por valores culturais e visões de mundo que se refletem diretamente nas estruturas classificatórias. Como afirma Furner (2007) e complementada por Magro, Martínez-Ávila e Silva (2015), todo esquema de classificação constitui uma representação objetiva de um ponto de vista subjetivo, o de seus criadores e que normalmente compartilham perspectivas e ideologias das populações com as quais se identificam, ou seja, podem refletir os preconceitos, interesses e características da comunidade dominante que os originou, que, no caso dos principais sistemas de organização do conhecimento, é branca, europeia, burguesa, heterossexual e masculina, portanto, torna-se urgente reconhecer que a organização do conhecimento não é apenas técnica, mas também política e ideológica, exigindo o engajamento ativo da biblioteconomia com práticas antirracistas e contracoloniais.

A representação temática e descritiva reflete a leitura do bibliotecário acerca do material, a partir de uma cosmo percepção do que se conhece a princípio. Contudo, é fundamental refletir sobre a origem dessas concepções arraigadas, questionando de onde elas emanam e como são formadas, especialmente ao exercer o senso crítico. É importante ressaltar que a sociedade brasileira foi constituída a partir do olhar do colonizador cujo objetivo era inferiorizar todo o conhecimento que não era produzido



por ele. Ortiz (2017) denominou esse processo de deculturação, que consiste em menosprezar o saber do outro e estimular a sua desvalorização, tudo isso com o intuito de preservar a estrutura de poder estabelecida que se relaciona com a “suposta” democracia racial que corrobora com a ideia de harmonização das raças e aprofunda as desigualdades raciais e sociais.

Por isso, é necessário contracolonizar, como conceitua Nego Bispo Santos (2019, p. 24): “porque é desmanchando que a gente aprende a fazer”. Não desmanchamos o que não está pronto, mas tentamos impedir que se faça de forma equivocada. Essa reflexão nos leva a questionar a classificação atribuída aos materiais produzidos no continente africano, bem como o lugar que atribuímos às(os) escritoras(es) negras(os), brasileiras(os) e estrangeiras(os), em nossas bibliotecas. Estaríamos, como nos adverte Chimamanda Adichie (2019), reproduzindo uma história única? Ou, ao contrário, estamos de fato contracolonizando o fazer bibliotecário durante o processo de representação temática? Será que estamos classificando corretamente os títulos oriundos de países africanos? Estamos reconhecendo e valorizando as(os) autoras(es) negras(os) em nossos acervos? Estamos, de fato, praticando uma biblioteconomia antirracista?

Neste contexto, Martines, Lima e Almeida (2021, p. 541) ressaltam que:

[...] é preciso atentar como linguagem documentária apresenta termos que legitimem a existência de aspectos sociais, culturais, ideológicos, políticos de outros grupos, outros domínios, outras comunidades discursivas, aspectos presentes também na sociolinguística, que não são integrantes pertencentes ao discurso dominante.

Partindo deste pressuposto, o presente trabalho pretende: a) refletir sobre o reconhecimento da literatura negra nos acervos; b) evidenciar a classificação emancipatória para representação negra no acervo; c) colaborar para uma classificação baseada na afrocentricidade. O estudo torna-se imprescindível ao considerar que as bibliotecas foram constituídas para organização de registros, visando acumular os conhecimentos que eram considerados socialmente aceitos (Miranda; Carvalho, 2014). Por isso, é crucial refletir e construir novas narrativas, a partir dos sujeitos que precisam ser enaltecidos e reconhecidos do seu lugar de saberes. Considerando que as mudanças, segundo Silva *et al.* (2021, p. [4]) devem ser necessárias “[...] para suprir as necessidades informacionais diárias dos grupos marginalizados”, pois esses são buscadores de



informação, são fontes de informação e são sujeitos informacionais, sendo assim, a abordagem dos aspectos históricos, culturais, políticos devem ter a abordagem justa nas unidades informacionais.

A proposta deste trabalho comunga na necessidade emergente de contracolonizar o fazer bibliotecário nas tarefas rotineiras como a classificação, que orienta o usuário a localizar e recuperar o material no acervo da biblioteca que precisa ser representativo e estar alinhado a necessidade da comunidade a ser atendida, considerando a diversidade étnica e cultural brasileira. Sendo assim, a promoção da justiça racial e informacional torna-se presente neste espaço fundante para o pensamento reflexivo e crítico dos usuários da unidade de informação que se relaciona, também onde esses materiais estão localizados nas estantes das bibliotecas.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho é de natureza qualitativa e de abordagem descritiva e exploratória. As abordagens qualitativas permitem investigar um fenômeno em profundidade, levando em conta os contextos e significados envolvidos no problema estudado. De acordo com Gil (2002, p. 133), uma pesquisa qualitativa pode ser definida como “[...] uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”. Por ser de natureza exploratória, ela busca levantar hipóteses, delimitando o seu campo de trabalho, mapeando as condições e manifestações desse objeto (Severino, 2007). Para Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

A caracterização descritiva da pesquisa, por sua vez, se justifica pela necessidade de observar, registrar e analisar as práticas de representação da literatura negra nos acervos, especialmente no que se refere às classificações utilizadas. Esse tipo de investigação possibilita evidenciar padrões e recorrências, sem interferir diretamente no fenômeno estudado, mas contribuindo para sua visibilidade e compreensão crítica.

O ambiente de pesquisa foi o catálogo online das Bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (IFSP), cuja escolha se deu



por ser uma instituição que possui várias iniciativas de enegrecimento do acervo e diversidade no desenvolvimento de coleções. No catálogo, foram feitas pesquisas por assunto, com as terminologias “Literatura africana”, “Literaturas africanas”, o nome do país e/ou a literatura daquele país, ou etnia. Essas pesquisas foram realizadas com todos os países africanos, pois não existe uma identificação da origem dos escritores. A partir deste levantamento, os dados foram unificados e sistematizados no Quadro 1.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

O pensamento contracolonial deve permear todas as ações desenvolvidas pela biblioteca, especialmente no que se refere aos processos de representação e organização da informação. É fundamental refletir sobre como o(a) usuário(a) localiza os materiais nas estantes, uma vez que essa experiência está diretamente ligada aos processos de representação da informação. Nesse sentido, Vergueiro (1989, p. 20) já apontava que “[...] uma coleção com forte tendência ao crescimento, pois atividades de pesquisa exigem uma grande gama de materiais para que o pesquisador possa ter acesso a todos os pontos de vista importantes ou necessários.”

Para aprofundar essa reflexão, analisamos como as obras de Carolina Maria de Jesus são representadas nos catálogos. Seus livros, baseados em diários que relatam o cotidiano marcado pela luta por dignidade para si e para seus filhos, constituem um testemunho singular e potente, sendo considerada uma das primeiras a relatar as escrevivências. Contudo, constantemente pode-se observar que a obra da escritora é normalmente classificada em literatura brasileira, sendo que se trata de uma biografia, desconsiderando seu caráter autobiográfico. Em contraste, obras como *O Diário de Anne Frank* são comumente catalogadas como “biografias” ou de livros sobre a Segunda Guerra Mundial, ainda que ambas compartilhem a estrutura de diário íntimo e testemunhal. Por que este olhar não se estende às obras de Carolina? Observa-se que não há neutralidade e parcialidade na classificação, perfazendo o processo de apagamento e epistemicídio para escritoras(es) negras(os) nos acervos das bibliotecas.

Essa discrepância evidencia a falta de neutralidade e imparcialidade no processo de catalogação. A ausência de critérios equitativos para autoras negras representa não apenas uma distorção classificatória, mas também uma forma de apagamento simbólico



e de epistemicídio, ou seja, a negação sistemática dos saberes produzidos por sujeitos negros. Gonçalves e Mucheroni (2021) dizem que a hegemonia precisa sobreviver e reproduzir para naturalizar-se na experiência do indivíduo, dando uma autoridade inquestionável às correntes do pensamento eurocêntrico que são consequências e reproduções dos fenômenos sociais.

O desconhecimento ou o não reconhecimento de outras formas de saber contribui para que muitas informações sejam ignoradas no momento de atribuição de uma palavra-chave ou de um termo descritor. Não se trata de deixar de fazer a representação da informação, mas de atribuir outro sentido ao documento (Sá; Francelin, 2021, p. 22).

Nesse contexto, autores como Mucale (2023) e Asante (2016) reforçam a necessidade de olharmos para a afrocentricidade, colocando na centralidade do conhecimento o pensamento africano e afrodiaspórico que envolve a representação temática das obras produzidas por intelectuais negras(os). Considerando que a construção identitária da população negra está ancorada nas memórias coletivas transmitidas pela oralidade, mas que sempre estiveram presentes e documentadas na literatura, recebendo titulações como “literatura negra”; “literatura marginal” dentre outros nomes. (Sá; Francelin, 2021).

Gomes (2016) reforça que pensar na afrocentricidade nas bibliotecas é propor ações e práticas profissionais que privilegiem a representatividade negra nesta unidade de informação, garantindo o protagonismo no processo de construção social, cultural e intelectual da humanidade. As práticas bibliotecárias devem estar direcionadas para atender às necessidades dos usuários leitores em potencial, com o intuito de mitigar as desigualdades étnicas, culturais e sociais.

Na figura 1, podemos evidenciar a representação da temática das obras da escritora Carolina Maria de Jesus, como, por exemplo, o *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e as demais obras consideradas diários também. Observamos que, das 42 bibliotecas do IFSP, 32 bibliotecas possuem o título, dessas 17 unidades de informação classificaram a obra da escritora como literatura. Na 23ª CDD, identificamos 8 classificações diferentes para a mesma obra. Enquanto possuímos apenas uma biblioteca de rede que adota o sistema de CDU.

Figura 1 - Representação temática - Obra de Carolina Maria de Jesus

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY - 20ª ED.	CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY - 23ª ED.	CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL
869.93 - Literatura Brasileira - Ficção; 920.72 - Biografia de mulher	869- Literatura em língua portuguesa e galega; 869.3 - Literatura em língua portuguesa - ficção; 869.34 - Ficção (romance, conto, crônica) brasileiro século 20; 869.6 - Cartas portuguesas e brasileiras; 5 - 869.8992 - Literatura brasileira; 869.89923 - Literatura brasileira- ficção; 869.93 - Literatura brasileira - romance; 920.009296081- Africanos e pessoas de descendência africana-Brasil-Biografia; 920.72 - Biografia de mulher	821.134.3(81)-3 - Literatura Brasileira - Ficção

Fonte: Elaborado pelas autoras.

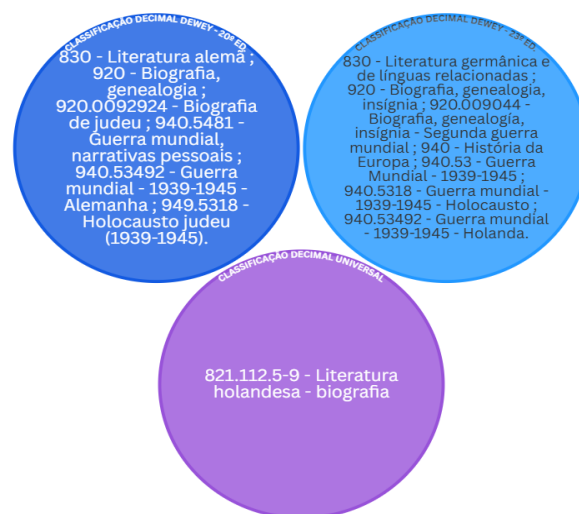
Descrição: A figura apresenta três retângulos com as cores roxas, azul claro e azul escuro. Na parte superior do retângulo está indicado a versão da Classificação Decimal de Dewey e da Classificação Decimal Universal. Dentro do retângulo, é apresentado o número de classificação e o descritor que representa essa classificação.

Por outro lado, observamos a representação temática das obras da escritora Conceição Evaristo, premiada pelo prêmio Jabuti pelo título *Olhos d'água*. A maioria das suas obras está classificada na literatura brasileira como coletânea de contos e/ou miscelânea. Assim como as obras dos autores Machado de Assis, Lima Barreto e Maria Firmina dos Reis, que são obras que dialogam com as suas vivências pessoais de pessoas negras. Os discursos apresentados pelos escritores denunciam as condições da população negra em épocas distintas que contam com a ancestralidade e potencialidade da intelectualidade negra na produção literária.

É necessário pensar na relação informação e sociedade nas atividades de produção e disseminação da informação dos grupos que estão à margem em relação à dominação hegemônica valorizando seus conhecimentos e saberes, que por serem distintos, não podem ser inferiorizados (Gomes, 2016, p.747).

Na figura 2, observamos a representação temática do *diário de Anne Frank*, cerca de 30 bibliotecas do IFSP possuem o título, somente 3 bibliotecas classificaram como literatura, diferentemente das obras de Carolina Maria de Jesus.

Figura 2 - Representação temática - Literatura Estrangeira “Diário da Anne Frank”



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Descrição: A figura apresenta três círculos com as cores roxas, azul claro e azul escuro. Na parte superior do círculo está indicado a versão da Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal.

Dentro do retângulo, é apresentada o número de classificação e o descritor que representa essa classificação.

Observa-se, ainda, a catalogação de obras escritas por autores do continente africano que estão classificados em literatura do idioma. Por exemplo, os títulos de escritores: Chimamanda Ngozi Adichie, Albertino Bragança, Paulina Chiziane entre outros, em algumas classificações, apresentam sua nacionalidade silenciada, sendo considerado o idioma da obra e/ou a sua tradução. Por outro lado, observamos a possibilidade de extensão da classificação para além de “literaturas africanas” 896, segmentada para o país da(o) escritora(o) africana(o). Aquino (2013) diz que o indivíduo ao utilizar a informação precisa atribuir sentido e, quando está sendo utilizada inadequadamente, as suas percepções se distanciam da sua história, cultura e tecnologia, ou seja, impossibilitando o empoderamento para organizar a sua identidade e superar as barreiras impostas pelo racismo.

Quadro 1 - Países africanos presentes no acervo do IFSP

África do Sul	823; 828.9936; 839.36; 896; 896.3; 896.0968; 821.111-3; 821.111(680)-3;
Angola	869; 869.3; 869.8; 869.8991; 869.89913; 869.899673; 869.963; 896; 896.3673; 896.676; 821.134.3(673)-4; 821.134.3(673)-31; 821.134.3(673)-94; 821.134.3(673)-34;
Argélia	843;
Cabo verde	821.134.3(665.8)-94;
Egito	892.73;
Guiné-Bissau	821.134.3(665.7)-3;
Malawi	896; 896.01;
Mali	896; 896.0965;
Moçambique	869; 869.1; 869.3; 869.301; 869.33; 869.34; 869.899601; 869.899673; 869.899679; 896; 896.3; 896.679; 821.134.3(6)-3; 821.134.3(673)-31; 821.134.3(679)-1; 821.134.3(679)-3; 821.134.3(679)-31; 821.134.3(679)-4;
Nigéria	823; 828.99669; 896; 896.3; 896.669; 821.111(669.1)-2; 821.111(669.1)-3; 821.111(669.1)-31;
Quênia	896; 823; 896.6762; 821.111(676.2)-3;
República do Congo	896;
Ruanda	869.3; 896.963; 843;
Zimbábue	896;

Fonte: Elaborado pelas autoras

Descrição: o quadro apresenta duas colunas, a primeira tem a distribuição de países africanos presente no catálogo das bibliotecas, na segunda coluna, são apresentadas as diferentes classificações.





Observando o quadro acima, classificado por países africanos, observamos que a maioria das classificações atribuídas às obras de origem africana reproduz a imagem reducionista do continente e reforça uma visão colonialista, no qual as literaturas deste continente está ligada ao colonizador, vide os países de língua portuguesa, todos estão abaixo de Portugal, em alguns casos, algumas literaturas foram classificadas com pertencente ao colonizado, vide, a Argélia, no qual um escritor argelino foi classificado como literatura francesa. E isso se repete na maioria dos países, o que mostra a falta de reflexão do profissional no momento da classificação e da indexação, classificando um livro com literatura francesa, e indexação como literatura argelina, e isso acontece na maioria dos países. Diferente da literatura latino-americana, a CDD dá a oportunidade do profissional classificar as literaturas em África e não abaixo do colonizador, o profissional tem essa escolha em especificar, não colocando abaixo do colonizador ou na literatura do mesmo, e nem colocando nessa classificação maior que é Literaturas Africanas, já que a CDD possui tabelas auxiliares no qual o profissional pode identificar com clareza a qual país faz parte aquela literatura.

No fazer bibliotecário, precisa estar ancorado nas discussões atuais que permeiam a sociedade brasileira, entender que o Brasil é formado por uma diversidade étnica e cultural rica que abarca os saberes ancestrais de africanos, indígenas e quilombolas que contribuíram para o vocabulário brasileiro, para as festas populares, as religiões de matrizes africanas, para a culinária brasileira são conhecimentos que devem estar disponíveis aos usuários com o intuito de eliminar visões estereotipadas e possibilitar a construção de uma identidade positiva desses povos (Gomes, 2016)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas de classificação e indexação tradicionalmente utilizados nas bibliotecas invisibilizam as epistemologias negras, de modo que a produção intelectual de autoras e autores negros não é representada corretamente nos catálogos. Essa negligência, consciente ou não, contribui para a perpetuação do apagamento histórico de grupos racializados, mantendo os acervos das bibliotecas como espaços que reproduzem estruturas coloniais, eurocentradas e racistas.



É imprescindível que as classificações atribuídas a intelectuais negras(os) atuem ativamente no combate ao epistemicídio e ao racismo estrutural. Isso implica reconhecer essas produções como legítimas, relevantes e fundamentais para a construção do conhecimento. Esse reconhecimento não apenas amplia o acesso à diversidade de literaturas, como também educa a sociedade, fomentando uma perspectiva antirracista que valorize a justiça racial e informacional como princípios norteadores da atuação bibliotecária.

A construção de catálogo pluridiverso perpassa sobre a necessidade de registrar a memória dos povos que foram sistematicamente silenciados pela colonialidade de saber que ignora os conhecimentos e os saberes de outros sob o pretexto da neutralidade e imparcialidade. Nesse sentido, a contracolonialidade dá voz aos sujeitos que compõem a ciência, a partir de suas vivências e saberes ancestrais que colaboram para a solução de problemas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61 p.

AQUINO, M. de A. A inclusão afrodescendente na era da informação. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p.61-75, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaio Filosóficos**, v.14, p. 9-18, 2016.

FURNER, J. Dewey deracialized: a critical race-theoretic perspective. **Knowledge Organization**, v. 34, n. 3, 2007. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2007-3-144.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, E. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, n. 3, p. 738-752, ago./nov. 2016.



GONÇALVES, R. de A.; MUCHERONI, M. L. O que é epistemicídio? uma introdução ao conceito para a Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e5759, nov. 2021.

MAGRO, J. L.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; SILVA, M. F. Aplicación de la teoría crítica de raza en la organización y representación del conocimiento. **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 21, n. 2, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/168039>. Acesso em: 20 maio 2025.

MARTINES, A. R.; LIMA, G. dos S; ALMEIDA, C. C. A linguagem e a linguagem documentária no processo de representação do conhecimento de grupos marginalizados: reflexões teóricas. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 512 – 549, jan./mar. 2021.

MIRANDA, A. C. C. de; CARVALHO, M. M. Desenvolvimento de coleções de fontes de informação eletrônicas em bibliotecas universitárias. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 15-28, 2014

MUCALE, Ergimino Pedro. **Afrocentricidade: complexidade e liberdade**. 2.ed. Maputo: Gráfico Paulinas, 2023.

ORTIZ, F. Aportes culturales y deculturacion. In: PEREZ, E.; LOUREIRO, M. **Raza y racismo: antologia de caminos**. La Habana: Editorial Caminhos, 2017. p. 24-48.

REIS, F.; ORTEGA, C. D. O que é catalogação? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 11, 2024. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/303532>. Acesso em: 20 maio 2025.

SÁ, C. A.; FRANCELIN, M. M. Afrocentricidade, memória e informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e5731, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i2.5731> . Acesso em: 20 maio 2025

SANTOS, A. B. dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: OLIVIA, A. R.; CHAVES, M. N.; FELICIE, R. C. G.; NASCIMENTO, W. F. *et al.* (org.). **Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p.23-35.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, F. C. G. da; GARCEZ, D. C.; ROMEIRO, N. L.; FÉVRIER, P. R.; ALVES, A. P. M. Justiça pra quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021, p.1-16.

VERGUEIRO, W. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: 1989.